

Apetite voraz por reservas de petróleo

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/09/29/internas_economia,454209/apetite-voraz-por-reservas-de-petroleo.shtml

Entre as 11 empresas que se registraram para o leilão do Campo de Libra, estão as chinesas CNOOC, especializada na exploração em alto-mar, Sinopec, produtora e refinadora, e CNPC, forte nos campos em terra. Mesmo que concorram entre si, elas deverão agir coordenadas pelo governo chinês. "Ao priorizar os montantes energéticos abrangidos, em vez do retorno financeiro, o modelo de partilha da produção, que será aplicado na área do pré-sal, em substituição ao de concessão, caiu como uma luva para os interesses da China no petróleo, em desfavor de todos os demais países, inclusive do próprio Brasil", observa **Cláudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**.

Nos bastidores, o reconhecimento da Petrobras de que o caixa da empresa não lhe permite bancar muito mais do que os 30% que, por lei, terá que assumir no empreendimento dará ao combinado chinês um papel importante como investidor. As empresas asiáticas poderão cobrir boa parte do restante dos R\$ 15 bilhões do bônus de assinatura que os vencedores da disputa terão que pagar para ter o direito de explorar a jazida.

Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), acredita ser bem provável que as chinesas financiem o leilão em troca de óleo, por causa da farta disponibilidade de capital e do desejo de garantir acesso a reservas futuras de petróleo. Na sua opinião, elas teriam, inclusive, condições de adiantar a fatia do bônus que vai caber à Petrobras, de pelo menos R\$ 4,5 bilhões.

As intensas negociações sino-brasileiras nas áreas de petróleo e gás, que tendem a atingir patamares históricos no futuro próximo, ocorrem em paralelo a profundas transformações em curso no mercado mundial de energia. A descoberta pelos EUA de uma nova forma de extração do chamado gás não convencional, ou de xisto, deu a largada para uma reorganização da geopolítica energética global.

Com insumo obtido a um custo muito competitivo, o chamado fraturamento hidráulico colocou o gás em destaque, além de ser a principal razão para o governo norte-americano apostar na retomada industrial do país. "A China tem também o segundo maior potencial para produzir gás de xisto no mundo e já estabeleceu uma parceria tecnológica com os EUA para explorar essa vantagem", observa o coordenador técnico do Projeto Mais Gás Brasil, Ricardo Pinto.

Ele ressalta, contudo, que o gás não convencional não repetirá com a mesma velocidade o impacto que tem e terá no mercado norte-americano. A razão disso está na vasta malha de distribuição já instalada na superpotência norte-americana, onde o sistema regulatório é o mais maduro e testado no mundo.